



PŪRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO II

AS TRÊS ETAPAS DA NATUREZA

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Dias

Para o princípio geral interrogaremos a própria Natureza e seu modo de funcionar universal, reconhecendo que ela não é apenas a operação capciosa e ilusória de uma Maya deformante, mas é a energia e as operações cósmicas de Deus Ele-mesmo em seu Ser universal, inspirada por uma sabedoria vasta, infinita e, no entanto, minuciosamente seletiva, à qual Ele dá formas – *prajñā prasrtā purānī* do Upanishad – Sabedoria emanada do Eterno desde os começos.

Aquilo que a Natureza já nos trouxe pela evolução e fundou solidamente é a vida corporal. Ela efetuou certa combinação e harmonia dos dois elementos inferiores [matéria e vitalidade], mas fundamentalmente necessários, que governam nossa ação e progresso na Terra: a **Matéria**, que, apesar do desprezo que o espiritualista demasiado etéreo possa sentir por ela, é a fundação e a condição primeira de todas as nossas energias e realizações; e a **Energia de Vida**, que é o alimento de nossa existência em um corpo material e mesmo a base de nossas atividades mentais e espirituais.

A Natureza alcançou com sucesso certa estabilidade em seu movimento material incessante, que é, ao mesmo tempo, bastante sólido e durável, mas bastante flexível e

maleável para fornecer uma morada e um instrumento conveniente para o deus que se manifesta de modo progressivo na humanidade.

Esse equilíbrio [Matéria e Energia de Vida] constitui o estado básico da Natureza no ser humano, o que na linguagem do Ioga se chama o “o corpo grosseiro”, que se compõe do invólucro material (feito de alimento) e do sistema nervoso (veículo vital).

Então, se esse equilíbrio inferior é a base e o primeiro instrumento dos movimentos superiores que o poder universal tenciona manifestar e se constitui o veículo em que o Divino busca revelar-se aqui, se é verdade, como assegura a sabedoria da Índia, que o corpo é o instrumento previsto para cumprir a lei verdadeira de nossa natureza, então toda aversão definitiva à vida física há de ser uma aversão à totalidade da Sabedoria divina e a renúncia ao objetivo que ela persegue na manifestação terrestre.

Portanto, um Ioga que ignore o corpo, ou faça de sua anulação ou rejeição a condição indispensável para uma espiritualidade perfeita, não pode ser um Ioga Integral. Ao contrário, um aperfeiçoamento do corpo também deverá ser o triunfo final do Espírito, e tornar divina a vida corporal também será a marca final de Deus em seu trabalho no universo. O obstáculo que o físico representa para o espiritual não é argumento para a rejeição do físico; pois na providência invisível das coisas, nossas maiores dificuldades são nossas melhores oportunidades. Uma dificuldade suprema é o sinal que a Natureza nos dá de uma vitória suprema a conquistar e de um problema último a resolver; não é o aviso de uma cilada inextricável a ser evitada ou de um inimigo demasiado forte para nós, de quem devemos fugir.

Portanto, um Ioga que destrói as energias vitais ou as obriga a uma quietude apática ou as extirpa como a fonte de atividades nocivas, não é um Ioga Integral. É preciso purificá-las, não destruí-las – transformá-las, controlá-las e utilizá-las, esse é o objetivo para qual [as energias vitais] foram criadas e desenvolvidas em nós, pois a Terra é o lugar onde o Divino se manifesta de modo progressivo pela evolução.

Se a vida corporal é a base e o primeiro instrumento que a Natureza estabeleceu solidamente para nós na evolução, nossa vida mental é o objetivo seguinte e o instrumento superior que ela prepara logo depois. No ser humano temos uma distinção que é de suma importância, sua mentalidade não é simples, mas dupla, e mesmo tripla:

1. a **mente material e nervosa**;
2. a **mente intelectual** pura, que se liberta das ilusões do corpo e dos sentidos;
3. e uma **mente divina** acima do intelecto, que, por sua vez, se liberta dos modos imperfeitos da razão crítica, lógica e imaginativa.

Mas a vida corporal do ser humano é uma base, não um objetivo, é sua primeira condição, não sua causa determinante e final. A existência humana verdadeira, portanto, só começa quando a mentalidade intelectual emerge da mentalidade material e começamos a viver na mente, cada vez mais independente da obsessão nervosa e física, e cada vez mais capazes de aceitar corretamente a vida do corpo e de nos servir dela corretamente. Aceitar de maneira livre, e não por obrigação, as condições de nosso ser físico é o alto ideal humano. **Porém mais além dessa mentalidade intelectual está o Divino.**

Sem dúvida, a vida mental não completou sua evolução na Natureza, não estabeleceu ainda bases sólidas no ser humano. [...] se além disso que está evoluindo houver algo que deva ainda evoluir, então poderia muito bem ser a plenitude da vida mental, a maleabilidade e as vastas capacidades do intelecto, a riqueza disciplinada das emoções e da sensibilidade, que sejam apenas uma passagem em direção a uma vida superior e ao desenvolvimento de faculdades mais poderosas ainda não manifestadas, e que tomarão posse do instrumento inferior [mente intelectual], assim como a própria mente tomou posse do corpo e fez do ser físico um instrumento que não vive mais apenas para sua própria satisfação, mas provê a base e os materiais para uma atividade superior.

Toda filosofia indiana baseia-se na afirmação de que há uma vida mais elevada que a vida mental; adquirir e organizar essa vida superior é o objetivo verdadeiro dos métodos do Ioga. A Mente não é o último termo da evolução, nem seu objetivo último, mas, assim como

o corpo, é um instrumento. E é desse modo que ela é designada na linguagem do Ioga: o instrumento interior (*antahkarana*).

Mas então, em que consiste essa existência superior, ou existência suprema, para a qual tende nossa evolução?

Além do estado de nosso **ser físico e vital**, chamado “corpo grosseiro” e duplamente composto do **invólucro de alimento** e do **veículo vital**, além do estado de nosso **ser mental**, chamado “corpo sutil” e composto simplesmente do **invólucro mental** ou veículo mental, a terminologia do Ioga reconhece um terceiro estado, supremo e divino: **o ser supramental**, chamado “corpo causal” e composto de um quarto e quinto veículo que são descritos como aqueles de **conhecimento e de beatitude**.

E essa beatitude não é um prazer supremo do coração e das sensações que tem como plano de fundo a experiência da dor e da tristeza, mas é um deleite também autoexistente e independente de objetivos e experiências particulares, um autodeleite que é a própria natureza, a própria substância, por assim dizer, de uma existência transcendente e infinita.

Todo Ioga afirma que elas [conhecimento e beatitude] são sua experiência última e objetivo supremo. Elas constituem o princípio diretor de nosso estado de consciência mais alto e formam nossa extensão de existência mais vasta, que correspondem mais ou menos às faculdades psicológicas de **revelação, inspiração e intuição**, que veem a Verdade diretamente, face a face, vivem na verdade das coisas, uma verdade ao mesmo tempo universal e transcendente. Essas faculdades são a luz de uma existência consciente que toma o lugar de uma existência egoística, uma existência ao mesmo tempo cósmica e transcendente, cuja natureza é a Beatitude. Essas faculdades são obviamente divinas, e para o ser humano tal como é aparentemente constituído agora, elas são supra-humanas. Uma trindade de Existência, Consciência e Deleite transcendentais é, de fato a descrição metafísica do Atman.

Essa manifestação suprema é, também, a fonte e o poder realizador de tudo aquilo que a precedeu na evolução atual. Nossas atividades mentais são de fato, um derivado, e enquanto estiverem separadas da Verdade, que secretamente é sua fonte, serão uma deformação do conhecimento divino.

A evolução, que observamos e da qual somos o cume terrestre, pode ser considerada como uma manifestação inversa pela qual os Poderes supremos desenvolvem e aperfeiçoam os modos inferiores – Matéria, Vida e Mente – para que estes possam expressar cada vez mais a harmonia dos estados divinos e eternos dos quais nasceram.

Se essa for a verdade do universo, então o objetivo da evolução é também sua causa; aquilo que é imanente em seus elementos e aos poucos se libera. Mas a liberação é sem dúvida, imperfeita, se for apenas uma evasão e não houver retorno à substância contentora e a atividades para exaltá-las e transformá-las. A própria imanência não teria razão de ser plausível se não finalizasse nessa transfiguração.

Mas se a mente humana tornar-se capaz das glórias da Luz divina, se as emoções e a sensibilidade puderem ser transformadas no molde da Beatitude suprema e assumir sua medida e seu movimento, se o homem puder sentir que sua ação não apenas representa, mas é o movimento de uma força não egoística e divina, e se a substância física de nosso ser puder participar o suficiente da pureza da Essência suprema, unir suficientemente a plasticidade à constância durável para poder sustentar e prolongar essa existência e atividades superiores, então o longo labor da Natureza se concluirá em um coroamento que justificará seus esforços, e suas evoluções revelarão seu significado profundo.

O conhecimento último é aquele que percebe e aceita Deus no universo assim como além do universo; o Ioga Integral é aquele que, ao encontrar o Transcendente, pode retornar ao universo e possuí-lo, mantendo o poder de descer e ascender na grande escada da existência à vontade. Pois se a Sabedoria eterna existe de fato, a faculdade da Mente também deve ter algum uso e destino superiores. Esse uso dependerá de seu lugar na ascensão e no retorno, e

esse destino deverá ser uma plenitude e transfiguração, não uma extirpação ou uma anulação [do material, do vital ou do mental].

Percebemos então três etapas da Natureza:

1. uma **vida corporal** [o Material e o Vital], que é a base de nossa existência aqui no mundo material;
2. uma **vida mental** [a mente intelectual], à qual emergimos e pela qual elevamos a vida corporal a um uso mais alto e a ampliamos, tornando-a mais completa;
3. e uma **existência divina**, que é ao mesmo tempo o objetivo das outras duas e retorna a elas para **liberá-las e abri-las** às suas próprias possibilidades mais elevadas.

Ao considerar que nenhuma dessas etapas está fora do nosso alcance, ou abaixo de nossa natureza e nenhuma deverá ser destruída para alcançar a consecução final, admitimos que essa **liberação** e essa **plenitude** ao menos fazem parte, e uma parte ampla e importante, do Ioga e seus objetivos.